

# Pentecostalismo capixaba, Mito Fundante e a História do Tempo Presente<sup>1</sup>

Capixaba Pentecostalism, the Founding Myth and the History of the Present Time

*David Mesquiati de Oliveira<sup>2</sup>*

*Tiago Borges Almeida<sup>3</sup>*

**Resumo:** O artigo reflete sobre a História do Tempo Presente (HTP) como uma metodologia importante para o estudo das religiões. Após uma breve apresentação desse instrumental teórico, busca trabalhar o pentecostalismo em seus relatos de origem, culminando na história do pentecostalismo capixaba e suas variadas versões. É uma reflexão situada da HTP no contexto do Estado do Espírito Santo.

**Palavras-chave:** História do Tempo Presente; Pentecostalismo; História Regional; Espírito Santo.

---

Artigo recebido em: 01 de dez. de 2022

Aprovado em: 16 de jan. 2023

<sup>1</sup> Produção no âmbito do projeto de pesquisa “Os pentecostais no estado do Espírito Santo: história, cultura e política” com fomento da FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo). Projeto 448/2021. RELEP Brasil e Núcleo de Estudos Interdisciplinares em História das Religiões – NEIHR/UEMASUL.

<sup>2</sup> Teólogo, historiador e economista, doutorado e pós-doutorado em Teologia. Docente na Faculdade Unida de Vitória e na Faculdade Batista de Minas Gerais. Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UNIDA (Mestrado e Doutorado Profissional). Coordenador da RELEP Brasil.

<sup>3</sup> Teólogo e historiador, mestrando em Ciências das Religiões no PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória. Membro da RELEP Brasil. Bolsista no Bolsa Unida.

**Abstract:** The article reflects on the History of the Present Time as an important methodology for the study of religions. After a brief presentation of the theoretical instruments of the same, it seeks to work on Pentecostalism in its origin reports, culminating in the history of Pentecostalism in Espírito Santo and its various versions. It is a situated reflection of HTP.

**Keywords:** History of the Present Time; Pentecostalism; Regional History; Espírito Santo.

## Introdução

O ser humano se mostra um espécime religioso, produzindo sentido nas esferas que compõem a sua existência a partir de explicações socializadas em grupos culturais. Como sujeito histórico, os acontecimentos são ressignificados. Criam-se imaginários e utopias que culminam em comportamentos e discursos coletivos. A História do Tempo Presente (HTP) como recurso do historiador, move-se em direção a esse sujeito que, não apenas faz parte da história, como também pode modificá-la através da produção de sentido, capital simbólico e narrativas. Sendo o pentecostalismo um fenômeno religioso intenso e com capilaridade social, sua capacidade de incidir sobre a realidade é muito alta. Este artigo trabalha essa questão a partir dos mitos fundantes pentecostais e sua projeção social, com ênfase na história do pentecostalismo no estado do Espírito Santo.

### 1. Desafios para a história da religião: a importância da HTP

A HTP é um campo do conhecimento histórico, fundamental para entender as questões que estão pulsando em nosso tempo, especialmente as que envolvem religião, dado que trabalha com linguagem, narrativa, memória, oralidade, experiência, testemunho, entre outros. Os recursos teóricos e metodológicos da HTP podem contribuir significativamente para o estudo das religiões. De acordo com Antônio Manoel Elíbio Júnior:

a originalidade da abordagem do presente está situada no fato de poder captar a atualidade, a novidade, a irrupção, e a emergência de tendências,

dos modismos, das movimentações contínuas, dos conflitos, das rupturas e das paixões políticas<sup>4</sup>.

O historiador deve, nesse sentido, desconfiar de toda história que é contada repetidas vezes acerca de um fato ou uma pessoa, seja metódica, tradicional ou costumeira. Segundo Rousso, cabe ao historiador dedicado à HTP “agarrar na sua marcha o tempo que passa, dar uma pausa na imagem para observar a passagem entre o presente e o passado, desacelerar o afastamento e o esquecimento que espreitam toda experiência humana”<sup>5</sup>. Segundo Chartier, o pesquisador compartilha as mesmas categorias e referências dos atores da história. Nesse sentido, a aproximação, ao contrário de ser um problema, auxilia na compreensão daquela realidade em tela<sup>6</sup>.

Dada essas questões, a alteração da história por parte de um grupo religioso é considerada *mito fundante* (ou mito fundador), uma história não condizente com os fatos que se tornam força motriz para a elaboração de crenças, práticas e narrativas definidores de um grupo. O mito, em sentido técnico, não se trata de uma mentira. Mito é narrativa, um recurso da linguagem para se transmitir uma mensagem de acordo com a realidade, ou, para explicá-la. Mircea Eliade afirma que a função mais importante do mito é fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas<sup>7</sup>. Gonzalez ressalta que vários eruditos sustentaram que o mito é uma narração que interpreta a “realidade”, dado que esta não tem sentido sem interpretação, ou seja, o mito é parte integral do conhecimento da vida<sup>8</sup>. Sendo assim, a linguagem de um mito é a memória da comunidade de fé:

Os mitos transcendem a pura racionalidade e a ciência porque eles falam de coisas que as pessoas podem não perceber diretamente, e de mistérios e realidades infinitas que eles não podem compreender completamente. Mitos olham abaixo da superfície do mundo para o que realmente está

---

<sup>4</sup> ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. A história do tempo presente: reflexões sobre um campo historiográfico. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão, v. 12, n. 01, p. 13-27, 2021. [online]. p. 24.

<sup>5</sup> ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016. p. 17.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

<sup>7</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 84.

<sup>8</sup> GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 214.

acontecendo nele. Eles são a linguagem não apenas do pensamento, mas da imaginação. Eles falam indiretamente de coisas difíceis das pessoas suportarem, forçando-as a descobrirem seus significados através da atividade e do pensamento imaginativos até que a verdade se torna clara para elas<sup>9</sup>.

Entretanto, existem diversos tipos de mitos. Os principais são os cosmogônicos, os escatológicos e os teogônicos. O mito fundante é uma categoria específica. É comum para explicar crenças, religiões, cidades, nações, ritos, grupos e instituições. Ele gera discursos que representam *o que é*, mas, também, pode sinalizar o que o grupo *gostaria de ser*; ou, contrariamente, o que o movimento nega, ainda que o pratique.<sup>10</sup>

O mito fundante se origina, principalmente, no momento em que o grupo precisa legitimar a sua atuação na sociedade. Inicialmente, o grupo não se fundamenta em um mito, mas em uma experiência em comum. De acordo com Cácio Silva, o mito é criado da realidade presente rumo a um paradigma originário, isto é, a origem “histórica” que fundamenta o grupo é apenas um paradigma, uma construção a partir dos próprios interesses e não da historicidade.<sup>11</sup> O mito fundante é uma construção histórica a partir do desejo de legitimação e institucionalização de um movimento. Para isto, é necessário narrar seu início e sua trajetória. Nessa narração surgem as hagiografias, nas quais se fundamentam algumas práticas, alteram-se ideologias, pessoas e lugares. É importante conhecer os recursos teóricos-metodológicos da HTP, para discernir as práticas, os discursos, as crenças e os comportamentos que foram impostos através da alteração dos fatos.

## 2. Características do mito fundante

O mito fundante tem algumas características peculiares. Ele consegue, sorrateiramente, desintegrar, fragmentar e individualizar o que está sendo explicado. Ele separa a pessoa de suas ideias, podendo

---

<sup>9</sup> HIEBERT, Paul; SHAW, Daniel; TITE, Tienou. *Religião popular: uma resposta cristã às crenças populares*. Belo Horizonte: Horizontes, 2009. p. 357-358.

<sup>10</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira, 1911-2011*. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019. p. 45.

<sup>11</sup> SILVA, Cácio. *Fenomenologia da religião: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 103.

tanto preservar quanto apagar pessoas, ideias ou a ambos. Esse dispositivo exige do pesquisador uma atenção redobrada, pois, seu trabalho será o de encontrar as peças, e, por fim, montar o quebra-cabeça. Isso exige uma desconfiança da história apresentada, ainda que contada, repetidas vezes, pelos adeptos do grupo ou terceiros.

Para montar o quebra-cabeça são necessárias algumas considerações sobre o mito. Segundo Cácio Silva, o mito enquanto narrativa, não tem autor. Ele surge no nível popular e é aceito como verdadeiro. Por isso, não pertence a nenhuma pessoa individualmente, mas a todo o grupo.<sup>12</sup> Dessa forma, o mito estabelece e transmite a cosmovisão do grupo.

Em breves palavras, a função do mito é fortalecer a tradição, tornando-a de maior valor e prestígio, remontando a uma maior, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais. Todo mito tem a função social de manter e reafirmar a identidade de um grupo. Cada vez que o mito é relatado, os costumes do povo são alimentados e encorajados. É necessário, portanto, que descubramos os aspectos socioculturais que são alimentados pelos diferentes mitos.<sup>13</sup>

Através dos mitos, tem-se a visão de pureza nos discursos, nas práticas, nos comportamentos e nas crenças, porque o discurso mítico individualiza o grupo que crer em tal narrativa. Inconscientemente, o grupo tem a ideia de estar protegido contra as influências culturais, sociais e políticas, sob a prerrogativa da originalidade que acreditam possuir. Quando a história tradicional (história contada pelo grupo e repetida durante anos) é rompida sob um novo prisma (fatos concretos), a tendência é diminuir o muro de isolamento do grupo a par da sociedade, fazendo com que se pareça mais com outros grupos. Dessa forma, parte da identidade do grupo se desestabiliza.

Ignorar os achados históricos apresentados pelo historiador, com a pretensão de preservar o mito fundante, pode significar duas coisas: 1) ingenuidade, ao não considerar as provas factuais, defendendo acriticamente o mito fundante, devido à dificuldade de se adaptar às novas práticas e à mudança do discurso; 2) desonestidade intelectual em prol de preservar tradições, crenças e práticas que não estão associadas à identidade histórica do grupo. Ainda que reconheçam a veracidade dos fatos, contudo, o intuito de quem age de

---

<sup>12</sup> SILVA, 2014, p. 104.

<sup>13</sup> SILVA, 2014, p. 116.

tal forma é manter a unidade e o discurso da originalidade, para assim, não abalar a estrutura do sistema. Essa atitude é comum entre os membros do grupo, mas não é tolerável para um pesquisador.

A ingenuidade intelectual faz com que as pessoas comunitariamente celebrem e abracem  *fatos e causas* que são fabricados segundo interesses corporativistas. Acreditam defender uma causa comunitária, quando, na verdade, é individual. Celebram datas que aparentemente têm a ver com elas, sem embargo, tornam o grupo apenas massa, para ser moldada conforme os interesses daqueles que fazem a manutenção da história conforme almejam.

A desonestidade intelectual é, no que lhe concerne, o interesse dos guardiões do grupo em criar uma história a partir da história. Isto é, modificar os fatos ocorridos para criar um conceito, ou pré-conceito, valor, princípio, tradição, que outrora não existia. Sob o pretexto de criar/modificar algo, de fundamentá-lo historicamente. O problema é que, esse algo criado/modificado não é tão novo como imaginam ser. Geralmente, recebe-se influências culturais, sociais, filosóficas e políticas. Assim, esse *novo* não é propriamente *novo*, mas passa a sê-lo quando assume as características de um mito fundante, que é a própria história criada/modificada, tornando o antigo como novo e o mitológico em histórico, e vice-versa. O dispositivo mais utilizado na alteração dos fatos é a desistoricização (negação da dimensão histórica de determinada coisa ou evento). Nesse caso, o mito fundante é resultado da desistoricização, visto que sua função é apagar todas as manchas culturais que o grupo não está disposto a assumir, tornando o discurso supostamente puro. Segundo Rocha,

a desistoricização consiste em anular a atualização da mediação cultural, para identificar “aquela” mediação cultural como definitiva. Há, portanto, na raiz desse processo, o desejo univocizante de identificação de um método que permita a proclamação de um discurso, o qual, por sua vez, possa ser controlado por uma instituição. A desistoricização serve, portanto, à hierarquização univocizante da fala e, em decorrência disso, do poder que dela emana. Esse processo encerra inúmeras dimensões de poder. Isso cria uma estrutura necessária que, por sua vez, estabelece a impossibilidade de qualquer ação autônoma, tanto

na dimensão hermenêutica quanto, posteriormente, na política.<sup>14</sup>

O processo de desistoricização tem por objetivo afirmar a verdade histórica modificada (mito fundante). Uma vez obtido essa verdade, o discurso e as práticas passam a ser viáveis e coerentes. Quando a verdade do grupo é afirmada, ele tende a violentar a historicidade e as práticas dos demais grupos, negando, assim, sua dimensão histórica e cultural, como se o tal grupo não tivesse origens históricas, filosóficas, culturais e políticas. Dessa maneira, a desistoricização apaga as linhas que entrelaçam os grupos. O discurso unívoco tende a negar a identidade do outro, dando a impressão que apenas um grupo está correto e o restante está errado.

Rocha relata que nesses grupos são estabelecidos mecanismos de controle para manter a unidade. Esses mecanismos operam para evidenciar sua legitimidade e superioridade diante de qualquer outro discurso.<sup>15</sup> Foucault classifica os mecanismos de controle do discurso em três grupos de procedimento de exclusão. O primeiro trata de limitar os poderes com base nos instrumentos de interdição da palavra, ou seja, limitar o vocabulário do grupo para que fiquem bitolados intelectualmente. O segundo, dedica-se a dominar as aparições aleatórias ao discurso oficial, isto é, fechar a abertura para qualquer outro tipo de experiência não condizente com o discurso (ou vice-versa). O terceiro, age buscando selecionar os sujeitos que falam nos espaços do ritual, na sociedade do discurso, na doutrina e na apropriação social. Isso significa colocar as pessoas certas nos lugares adequados. Pessoas que não vão se opor ao discurso, e que serão suas principais guardiãs.<sup>16</sup> Em resumo, a finalidade dos mecanismos de controle é a univocidade.<sup>17</sup>

Outra característica do mito fundante, segundo Frei Betto, é o culto à personalidade. Frei Betto apresenta alguns exemplos de como religiões se segmentaram em tendências conflitantes após a morte de seus fundadores. Isso se dá porque as instituições e os processos

---

<sup>14</sup> ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Teologia sistemática no horizonte pós-moderno: um novo olhar para a linguagem teológica*. São Paulo: Vida, 2007. p. 96.

<sup>15</sup> ROCHA, 2007, p. 106.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 8.

<sup>17</sup> Univocidade. Abordagem que advoga a continuidade entre o discurso e a realidade. Identificação de um discurso com o real, de forma que qualquer outra tentativa de nomear esse real seja imediatamente tida como falsa. A univocidade sustenta sua condição de exclusividade discursiva manipulando os princípios da não-contradição e do terceiro excluído. ROCHA, 2007, p. 179-180.

sociais asseguram sua unidade e coerência a partir do mito. A igreja cristã se fundamenta nos princípios de Jesus, mas, logo após a sua morte, afloraram discursos variados, principalmente em relação à cristologia. No século XI houve um cisma formal entre os patriarcados do Oriente e do Ocidente. No século XVI, houve a ruptura da unidade da igreja no Ocidente, surgindo várias Reformas, dentre elas: luterana, calvinista, anglicana e anabatista. O mesmo ocorreu entre os muçulmanos, que subsistem em vários grupos e correntes.<sup>18</sup> Na perspectiva de Frei Betto, as instituições se consolidam a partir de uma figura que representa todo o discurso, mas quando esses líderes morrem, a tendência do grupo é perder a unidade.

Com a morte do idealizador, além das rupturas, surgem lacunas entre o idealizador e o grupo que se sedimentou após a sua morte, como a lacuna entre os ideais de Cristo e as concretizações dos cristianismos, entre Calvino e os calvinismos, entre Lutero e os luteranismos, dentre outros. O idealizador se torna uma figura que pode ser operacionalizada sem a devida dimensão histórico-cultural.

### **3. O mito fundante assembleiano**

A HTP é uma história inacabada e passível de revisões e atualizações. A pluralidade de fontes não é um problema para a HTP, e sim, uma possibilidade de agregar, além de documentos escritos, fontes orais e iconográficas. A história oral possibilita a identificação dos imaginários que formam o universo do *homo religiosus*, pois a experiência narrada traz tanto a historicidade dos fatos quanto as narrativas míticas que foram construídas ao longo do tempo. É função do historiador estar munido do rigor científico para analisar as fontes e não as desprezar.

Sobre os mitos fundantes assembleianos no Brasil, os trabalhos mais expressivos partiram da área interdisciplinar das Ciências das Religiões. Os destaques são os trabalhos de Gedeon Freire de Alencar, *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância, 1911-1946* e *Matriz pentecostal brasileira*. Podemos citar também, o trabalho de Marina Corrêa, *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*, em que a autora procura compreender a lógica da organização dos ministérios assembleianos.

Em *Matriz pentecostal brasileira*, Alencar levanta várias questões que promovem um relativo rompimento na história tradicional das Assembleias de Deus no Brasil, confrontando alguns mitos fundantes. Edin Sued Abumanssur, no prefácio do livro,

---

<sup>18</sup> BETTO, Frei. Mitos fundantes. *Revista Dom Total*, 03 nov. 2015. [online].

destaca o crescimento exuberante das Assembleias de Deus no primeiro centenário:

Apesar dessa expansão, as Assembleias de Deus são muito pouco conhecidas entre os estudiosos. Até agora, o mais comum nos estudos acadêmicos é vermos a repetição do mito fundante do pentecostalismo sendo repetido de forma quase litúrgica, sem nenhuma novidade que acrescente ou lance novas luzes sobre a origem das igrejas pentecostais no Brasil. Os pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren são elevados à categoria de heróis míticos e quase nada mais se sabe deles, além do fato de serem suecos com passagem pelos Estados Unidos antes de aportarem em Belém. Nada se fala sobre as lutas e as disputas pelo poder da igreja nascente. Nada se diz sobre a figura emblemática de Frida Vingren, esposa de Gunnar. Prevalece o silêncio, ou a ignorância, sobre a guerra fratricida entre suecos e americanos pelo controle dos rumos da denominação. O livro de Gedeon Alencar emerge em meio a esse silêncio. É um livro corajoso, pois busca iluminar aquilo que os cem anos da história contada procurou ocultar. Como devem fazer os historiadores e sociólogos, Gedeon apresenta uma nova história das Assembleias de Deus no Brasil e de como essa história foi conduzida muito mais por interesses mundanos do que pela ação do Espírito Santo. Ou, para as mentes mais piedosas, de como o Espírito Santo se vale dos interesses mundanos para conduzir as igrejas.<sup>19</sup>

O livro *Matriz pentecostal brasileira* revela novos lados da história das Assembleias de Deus no Brasil e desmistifica os conceitos e pré-conceitos que foram construídos e instrumentalizados. Alencar ressalta que as Assembleias de Deus no Brasil deveriam ser chamadas de Assembleias brasileiras de Deus, pelo fato de terem adotado a mesma estrutura política, econômica e cultural do Brasil. Para entender as ADs é necessário conhecer o Brasil, sua história, política e economia.

O resquício da religiosidade indígena, africana e católica, com sua mística, sincretizadas ou não, foi solo fértil para os pentecostalismos. A brasilidade, talvez, seja o fator crucial para a

---

<sup>19</sup> ALENCAR, 2019, p. 17.

expansão dos pentecostalismos em terras brasileiras. A própria crise da borracha e o processo de industrialização fizeram com que os adeptos se espalhassem, levando a mensagem pentecostal.

As ADs foram impregnadas de moralismo e autoritarismo, especialmente sob influência do discurso de Getúlio Vargas. Surgiu nessa época as chamadas igrejas-sedes, com seus pastores-presidentes fazendo jus à ditadura do Estado Novo. Aqui, as ADs deixaram de ser um movimento e passaram a ser um órgão mais institucionalizado.

Alencar mostra a tensão histórica nas ADs durante décadas, o que gerou os centros de poder em disputas, chamados de “Ministérios”. Segundo o autor, as ADs ficaram entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira, com afinidade aos suecos ou aos americanos. Assim, assumiram, em diferentes locais e tempos, múltiplas vertentes.<sup>20</sup>

Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; grande, mas fracionada; barulhenta, mas calada; presente, mas invisível; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.<sup>21</sup>

A história, quase litúrgica, contada sobre as ADs ainda hoje aparece desconectada dos fatores sócio-históricos. Criou-se uma história sem *fatós*. Na narrativa sobre a origem das Assembleias de Deus no Brasil, especialmente quando contada nos púlpitos das igrejas, não se menciona a relação Suécia, Brasil e Estados Unidos, as questões econômicas e migratórias do período, ofusca-se o ministério feminino de Frida e as injustiças que os pastores suecos infligiram à pioneira, além de não refletirem sobre as ADs enquanto movimento e as ADs enquanto instituição. Essas e outras questões são cruciais para o discernimento de crenças e práticas.

Com o tempo, os pioneiros suecos pentecostais foram desistoricizados. A imagem deles está presente em vários lugares, contudo, deslocados. Gunnar Vingren, por exemplo, sofreu forte resistência dos demais pastores, sendo frequentemente vencido nas reuniões ministeriais. Daniel Berg não era fluente no português, não

---

<sup>20</sup> ALENCAR, 2019, p. 53.

<sup>21</sup> ALENCAR, 2019, p. 23.

foi ordenado a pastor e não foi valorizado pelos seus contemporâneos. Foram injustiçados em sua época, mas nas últimas décadas suas biografias foram instrumentalizadas e alcançaram prestígio inimaginado. A imagem foi preservada, mas suas relações sociais, históricas e culturais foram esvaziadas. E por que a resistência em reconhecer Frida Vingren como pastora e líder? A fatualidade do ministério pastoral feminino nas origens das ADs parece ser um tema que demanda reescrita da história para um grupo que detém o poder institucional.<sup>22</sup>

#### **4. Inserção e expansão das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo**

As fontes mais antigas acerca das ADs no Espírito Santo são: *Despertamento apostólico brasileiro* (1934), em que oito missionários fazem um relato da atuação da missão sueca livre no Brasil; Emílio Conde, *História das Assembleias de Deus no Brasil* (1960), por ocasião do cinquentenário da instituição; outra escrita de cunho religioso, dirigida por Abraão de Almeida (1982), que é uma versão ampliada de Conde; o livro *100 acontecimentos que marcaram a histórias das ADs no Brasil* (2011), de Isael de Araújo; *Pioneirismo pentecostal, ministério e vida do pastor Camilo José Peclat*, escrita por seu filho, Odonias Peçanha Peclat (1986); e a dissertação de mestrado de Washington Phillip Spanhol Carneiro, *Pentecostais na política capixaba* (2013). Essas fontes, além das consultas ao *Mensageiro da Paz*, um jornal de divulgação da denominação, disponibilizadas no site da RELEP Brasil (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais), são imprescindíveis para a compreensão da história do pentecostalismo assembleiano no estado capixaba.

Ivar Vingren escreveu no *Diário do Pioneiro* que, no verão de 1920, os olhos de seu pai, Gunnar Vingren, quando pastoreava em Belém do Pará, se dirigiram para o sul. Grandes cidades, com centenas e milhares de habitantes ainda não haviam sido evangelizadas. Ele considerava que a base do trabalho missionário estaria consolidada no norte do Brasil, devendo avançar para o sul, que estaria “carente da mensagem pentecostal”<sup>23</sup>. Em 24 de junho de 1920, Vingren teria iniciado sua primeira viagem ao sul, rumo à cidade do Rio de Janeiro. Na ida, ele passou por quatro capitais, dentre elas, a cidade de Vitória. O navio em que ele viajava chegou à Vitória às 8:55 da manhã e partiu às 11:20. Vingren descreveu esta

---

<sup>22</sup> ALENCAR, 2019, p. 341.

<sup>23</sup> VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. p. 111.

rápida passagem pela orla da capital capixaba da seguinte forma: “uma entrada só de montanhas altas de ambos os lados. Muito bonito”<sup>24</sup>.

Quanto à passagem do outro pioneiro sueco pelo estado capixaba, Daniel Berg, há uma divergência de datas. São lacunas históricas que a escassez de fontes primárias não permite que sejam preenchidas com exatidão. Segundo Araújo, tomando como base Ivar Vingren, em 1919, Daniel Berg visitou a Suécia, onde namorou e se casou em 31 de julho de 1920 com a jovem Sara. Em março de 1921 eles vieram ao Brasil. Em 1922, Berg seguiu para Vitória-ES, com o evangelista Almeida Sobrinho, para estabelecer a AD na capital, permanecendo até 1924.<sup>25</sup> No entanto, Conde registra 1924 como a data de chegada de Berg à Vitória, regressando meses depois para São Paulo, dado que se considerou que o trabalho não tinha avançado.<sup>26</sup> Alencar considera a obra de Conde com desconfiança em relação à datação:

Conde não falava ou lia sueco, onde ele pesquisou para escrever sua história das ADs, em 1960, além dos jornais (isso se ele tivesse uma coleção particular de periódicos, visto que na época não existiam arquivos de jornais)? Apenas a versão oral dos suecos com quem conviveu? Difícil é repetir datas e locais com tanta precisão algumas décadas depois dos eventos. Conde usa muito a biografia de Berg, que fora publicada em 1955, mesmo sem citá-la, até porque, neste momento, essa biografia ainda não era oficial.<sup>27</sup>

Naquela época, a ilha de Vitória ainda não tinha pontes que conectassem ao restante do continente. Havia uma precária construção, onde hoje é a “ponte da passagem”. Essas condições geográficas podem ter sido um dos empecilhos para a implantação do movimento pentecostal naquele período. A primeira ponte a ser construída foi a Florentino Avidos em 1928, com material vindo da

---

<sup>24</sup> ARAÚJO, Israel. *100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 174.

<sup>25</sup> ARAÚJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 124.

<sup>26</sup> É possível que a datação de Araújo seja mais provável que a datação de Conde, dado o costume de Berg de permanecer um tempo em um determinado local. Por exemplo: ele foi para Bragança em 1912 e partiu em 1914; viajou para a Suécia em 1919 e só retornou em 1921; foi para a Suécia novamente em 1930; em 1932 foi para Portugal.

<sup>27</sup> ALENCAR, 2019, p. 37.

Alemanha, mais conhecida hoje como “cinco pontes”. O governador Florentino Avidos, nesse período, também construiu a primeira ponte que corta o Rio Doce em Colatina, favorecendo o povoamento do território capixaba e a povoação da região norte do Estado.

Tanto Araújo quanto Conde registram que os primeiros pentecostais na cidade de Vitória foram Francisco Galdino Sobrinho e sua esposa, que vieram do Nordeste em um ímpeto missionário. Conde ressalta que eles passaram dois anos sem receber a visita de pregadores ou pastores.<sup>28</sup> Conforme Pommerening, de 1911 a 1950, o pentecostalismo não tinha expressividade no Brasil. Contudo, as guerras mundiais aguçaram a demanda por borracha natural e dinamizaram os fluxos migratórios. Como o Brasil foi um dos grandes produtores, muitos migrantes do Nordeste tiveram contato com o pentecostalismo, principalmente através do porto de Belém, com grande fluxo de pessoas. Em face do declínio da extração e comércio da borracha, as migrações se estenderam ao Sul e ao Sudeste do país, a procura de oportunidades de trabalho. Muitos destes migrantes voltaram-se para suas cidades de origem e levaram a mensagem pentecostal. Além deste novo fluxo humano, iniciaram-se as primeiras contribuições financeiras da igreja sueca para o Brasil.<sup>29</sup> Segundo Rolim,

Cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar aonde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem mesmo pela chegada de algum pastor. Estabelece o culto em sua própria casa, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural.<sup>30</sup>

De acordo com Araújo, em 1925, José Vicente Ferreira veio de Pernambuco para Vitória, a pedido de Daniel Berg. Ao chegar à capital só encontrou o irmão Galdino como crente pentecostal, os demais eram batistas. Com estes iniciou um trabalho de evangelização.<sup>31</sup> No Brasil, Berg e Vingren difundiram a mensagem pentecostal primeiramente entre os batistas, e foi nesse contexto que eles foram

---

<sup>28</sup> CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. p. 203.

<sup>29</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p. 56

<sup>30</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 46.

<sup>31</sup> ARAÚJO, Isael. *100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 175.

expulsos daquela igreja. O relato que “os demais eram batistas” indicaria a resistência à mensagem de Berg, considerada uma nova doutrina (que para os batistas era uma doutrina herética)? Uma das hipóteses para a mensagem pentecostal não ter germinado naquele momento (1922-1924) seria justamente essa resistência por parte dos batistas.

Ainda em 1922 (ou 24), o missionário Daniel Berg celebrou os primeiros cultos em Santo Antônio, no centro da cidade. Durante o dia visitava as famílias, convidando-as para assistirem o culto à noite. Dessa forma, realizava um trabalho de evangelização pessoal. Conde conclui que não se sabe se ficou alguma pessoa convertida na cidade, pois só no final da década houve um contato definitivo com as igrejas de outros estados. Entre os anos 1927 e 1929, chegaram à Vitória sete membros da AD de Aracaju-SE. Assim que chegaram, iniciaram um trabalho de evangelização. Esses pioneiros tiveram resultados surpreendentes e não perderam contato com os crentes sergipanos.<sup>32</sup> Nessa época, os fiéis estavam reunindo-se em residências em Jucutuquara e Santa Lúcia, na casa de João Pinheiro e na residência de Francisca Barros. Pelo fato de ter aumentado o número de adeptos, houve a necessidade de uma organização formal paralela à abertura de uma igreja local. Foi então que José Vicente Ferreira escreveu a Daniel Berg sobre a necessidade de um pastor na região.<sup>33</sup>

Foi enviado no dia 9 de maio de 1930, pelo missionário sueco Otto Nelson (1891-1982), o pastor cearense João Pedro da Silva (1895-1934), que rapidamente começou a organizar o trabalho. Quando chegou, havia aproximadamente 30 pessoas, dentre elas, membros e simpatizantes.<sup>34</sup> De acordo com Carneiro, seu envio se deu, talvez, porque a região estava fugindo do domínio sueco para as mãos de nordestinos, ou mesmo por uma cisão interna gestada no período.<sup>35</sup>

O pastor João Pedro alugou um salão para realizar os cultos, porém, verificou-se que poucos meses depois não havia mais espaço

---

<sup>32</sup> CONDE, 1973, p. 203.

<sup>33</sup> Não foi encontrado registro dessa carta, mas sabe-se que Daniel Berg era colportor de Bíblias e não tinha muita relação com esse tipo de assunto.

<sup>34</sup> ARAÚJO, 2011, p. 175.

<sup>35</sup> CARNEIRO, Washington Phillip Spanhol, *Pentecostais na política capixaba: representação parlamentar da Igreja Assembleia de Deus nas eleições (2002, 2006, 2010)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2013. p. 66. Não há detalhes sobre uma possível divisão sendo gestada nesse período. Nem sobre o fato que levou a estrutura organizada em solo capixaba, até então influenciada por um ethos sueco-nordestino, enviar um pastor como forma de centralizar a liderança em Vitória.

para comportar tanta gente. Estabeleceram-se cultos, no centro da cidade, em Santo Antônio, na Vila Rubim, na Praça Costa Pereira e na cidade de Vila Velha, em Aribiri. O primeiro batismo foi realizado no dia 8 de junho de 1930, e o segundo em 6 de julho, menos de um mês depois. O evento é posto como marco do início do movimento pentecostal na região da grande Vitória. A primeira congregação foi organizada no bairro Santa Lúcia, a segunda em Jucutuquara, a terceira em Pedreiras, a quarta em Ataíde, e a quinta em Areal e, por último, Aribiri, onde anos mais tarde, ficou situada a sede.

A AD no Estado do Espírito Santo iniciou-se com as seguintes pessoas: Francisco Galdino Sobrinho, Leopoldina da Costa Sobrinho, João Toscano de Brito, Maria de Oliveira, Manoel Tibúrcio, Jose Martins, Antônio Gabriel, Francisco Faustino, Josefa Faustino, Maria Raimundo, Nair Raimundo, Joaquim Galdino, Pulcina da Conceição, Ibiapino Luiz e esposa, Cândido Dias da Hora, Maria dos Anjos da Hora, Madalena dos Anjos Mota, Jose Mota, Maria Hora, Vitor Hora, Abraão e esposa, Adalberto Pacote, Aquino Deodoro, Jose Vicente Ferreira, Manoel Cocino, Fabiano e esposa, Jose Pedro, Antônio da Barra e esposa, Pedro da Silva e esposa, Francisco Santana e esposa, Maria Santana, Ormandina Silva e outros.<sup>36</sup>

A igreja em Aribiri, Vila Velha, tornou-se a sede do ministério das ADs no Espírito Santo. As novas igrejas fundadas eram filiadas à igreja do Aribiri. O movimento se expandiu para o interior do Estado. Em 1933, ultrapassou a fronteira do estado, quando se abriu uma congregação no Vale da Anta, município de Resplendor-MG, e alcançou o Vale do Rio Doce, em Minas Gerais.<sup>37</sup>

O pastor João Pedro da Silva faleceu em 17 de maio de 1934, porém, só em julho de 1935 sua morte foi noticiada no jornal *Mensageiro da Paz*. Mesmo após um ano, no final do jornal, onde era destacado o endereço das igrejas no país e os seus respectivos pastores, o nome de João Pedro da Silva ainda constava como pastor da sede, em Aribiri. O referido pastor constantemente escrevia para o jornal relatando os resultados da igreja no estado. Por que demorou tanto tempo para ser noticiada sua morte? Por que o nome dele ainda constava como pastor em Aribiri mesmo depois de um ano? Essas questões podem ser indicativos da precariedade do controle que se tinha do trabalho nacional ou mesmo da falta de equipe para conduzir adequadamente o periódico.

No bairro Porto de Santana, em Cariacica-ES, na atual Rua da Assembleia, encontra-se uma escola municipal que tem como homenageado o pastor Silva: EMEF João Pedro da Silva. O pastor

---

<sup>36</sup> CONDE, 1973, p. 203.

<sup>37</sup> CARNEIRO, 2013, p. 67.

Manoel Souza Filho fundou essa escola como obra social e veio a se tornar uma escola do sistema oficial de ensino da cidade, em homenagem ao fundador da AD no Espírito Santo.<sup>38</sup> No bairro Aribiri, em Vila Velha-ES, há uma rua que carrega seu nome, onde também está localizada a atual sede da CADEESO, uma das convenções assembleianas capixabas. O caso do pastor João Pedro da Silva é similar ao de Daniel Berg, que recebe reconhecimento somente após a morte. Segundo Alencar,

A história de Berg e Vingren é heroica e não há nenhum demérito em reconhecê-la. No entanto, eles só assumem essa posição a partir da década de 1960, quando a igreja vai celebrar seu cinquentenário. Nesse caso, é a instituição que precisa dos heróis para se legalizar. Ou, como diz Campos, para a manutenção dos esquemas de poder. A igreja Luterana tem a figura de Lutero, a Presbiteriana tem Calvino, a Metodista tem Wesley; enfim, cada instituição precisa produzir seus heróis fundadores. E quanto mais perto do ideal, melhor. Berg, em 1961, em solenidade no Maracanã, recebeu uma placa folheada a ouro, mas nos anos anteriores era uma figura apagada, esquecida e, segundo relatos de contemporâneos, vivia em grande pobreza, abandonado na periferia de São Paulo. Seu heroísmo, decantado na história oficial da igreja, é sua vinda para o Brasil em 1910, porém ninguém louva seu heroico sofrimento de ter sido esquecido desde 1912, quando aconteceram as consagrações de pastores e ele nunca foi lembrado. Não teve títulos e cargos no início e, nos anos seguintes, diversos outros suecos vão assumindo igrejas e postos na hierarquia. Para Berg, restou apenas receber uma placa em 1961. Reverenciado às vésperas da morte, mas esquecido enquanto vivo.<sup>39</sup>

Nils Kastberg escreveu em julho de 1935 no jornal *Mensageiro da Paz* que podiam relacionar as seguintes igrejas, com templos próprios, em resultado do trabalho de João Pedro da Silva em Vitória:

---

<sup>38</sup> A escola primária pastor João Pedro da Silva, foi fundada em 1964 oferecendo educação primária de 1º a 4º série. No ano de 1966, passou a chamar-se Obra social pastor João Pedro da Silva, quando os professores foram mantidos através do convênio com o Governo do Estado, até o ano de 1975, implantando o ensino de 5º a 8º série. EMEF JOÃO PEDRO DA SILVA [blog]. *História da Escola João Pedro da Silva*. [s.d.]. [online].

<sup>39</sup> ALENCAR, 2019, p. 146.

Aribiri, com 210 membros; Baixo Guandu, com 120 membros; Peixe Verde, com 40 membros; Mochoar, com 70 membros; e ainda oito congregações, num total de 250 membros. Durante seu pastorado em Vitória, abriu igrejas em Minas Gerais, começando por Aimorés, onde deixou cerca de 300 crentes. Somam-se cerca de 1.110 crentes, resultado do trabalho de João Pedro da Silva em Vitória e Minas.<sup>40</sup>

Após a morte do Pastor João Pedro da Silva ocorreram substituições sucessivas pelos pastores: Joaquim Moreira Costa de Araújo, Tales Caldas, Eugenio de Oliveira e José Menezes. No ano de 1941, assumiu a direção da igreja o pastor Belarmino Pedro Ramos, sendo este o responsável pelo registro da igreja, dando-lhe personalidade jurídica, em outubro de 1943. Desde então, o testemunho da obra pentecostal alcançou outras cidades do interior do Estado. Belarmino permaneceu até 08 de agosto de 1944.<sup>41</sup>

É provável que até o presente momento a AD no Espírito Santo fosse um campo isolado e periférico, sem muitas interferências de outros Estados e pastores. As ADs nesse período eram um movimento prestes a ser institucionalizado e burocratizado. Alencar classifica esse primeiro momento da história da igreja (1911 a 1946) como um período de “todos por todos”, pois não havia ainda divisões e disputas acirradas, como aconteceria posteriormente. Exercer um ministério nas primeiras décadas da história assembleiana, implicava em militância na causa evangélica pentecostal. Dessa forma, prevalecia a dimensão carismática do movimento, onde a legitimidade do líder ou da pregação se dava pela aprovação dos fiéis. Essa membresia militante é fundamental no crescimento e consolidação dessa comunidade. Alencar ainda ressalta que esse período foi marcado por narrativas que apontam para a realidade da igreja do primeiro século. Eram enviadas cartas de várias regiões do país, relatando (no jornal *Mensageiro da Paz*) que, após a conversão, os crentes eram batizados com o Espírito Santo; sofriam perseguições, como desemprego, expulsão de casa, e até mesmo hostilidade de outras denominações cristãs.<sup>42</sup>

## Conclusão

O movimento pentecostal capixaba, portanto, em seu primeiro estágio, é marcado por um *ethos* sueco-nordestino, fruto do trabalho de Daniel Berg (missionário sueco) e João Pedro da Silva (evangelista-pastor/nordestino). Mesmo que o missionário Berg não tenha

---

<sup>40</sup> JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, jun. 1935. [online]. p. 5.

<sup>41</sup> ARAÚJO, 2011, p. 176.

<sup>42</sup> ALENCAR, 2019, p. 107-108.

alcançado êxito como o pastor João Pedro, tivemos o pioneirismo de ambos. Percebe-se, entretanto, que Berg não fundou igreja (templo) em solo capixaba, ele reunia nas casas e praças. Esse mérito de fundação de igreja pentecostal cabe ao pastor João Pedro da Silva. Nesse caso, afirmar que foi Vingren e Berg que fundaram a igreja mãe das ADs no Espírito Santo, como relatado na revista *Seara News* em 2015, na ocasião em que a AD no Aribiri estava completando 90 anos, é parte das construções das narrativas dos mitos fundantes. Na revista, é dito que “a Igreja mãe das Assembleias de Deus no Espírito Santo foi fundada em 1925 por Daniel Berg e Gunnar Virgren”<sup>43</sup>. Como visto, Vingren nem sequer pisou em solo capixaba, apenas avistou a cidade de Vitória do navio onde estava. E em relação a Berg, como afirmou Conde, “não era a hora de se estabelecer a mensagem pentecostal naquele momento”, pois não obteve êxito. Vale ressaltar, no entanto, que em outra publicação da revista *Seara News*, é contada a história da AD no estado, tomando como base os registros de Conde.

Segundo Alencar, preservar certos personagens (ou seja, sem dimensão histórica) faz parte de uma produção simbólica: “eles representam o que essa igreja é, mas também podem sinalizar o que a denominação gostaria de ser; ou, contrariamente, muito do que o movimento nega, mas pratica”<sup>44</sup>. Isto é, com a institucionalização, cria-se uma narrativa de fundação contrária aos fatos registrados. Os símbolos (ou imaginários) se tornam o instrumento aferidor de tudo aquilo que for considerado adequado ou inconveniente. O simbólico é que vai agregar valores e princípios, obviamente, o oposto será o diabólico.<sup>45</sup> Em resumo, há uma constante tensão entre o movimento e a instituição. O movimento é marcado pelo carisma e a instituição pelos aparelhos burocráticos.

A história do pentecostalismo capixaba não é só um tema de interesse religioso. Ela está conectada aos fluxos migratórios do país, aos ciclos econômicos nacionais e regionais, tem consequências culturais e políticas, que se fazem sentir na proliferação do movimento pentecostal e de suas ramificações da região. Há muitas lacunas a serem investigadas. Pesquisas documentais e entrevistas com personagens e descendentes destes poderiam lançar mais luz sobre a história regional capixaba, e a História do Tempo Presente apresenta-se como um importante instrumental histórico nesse processo.

---

<sup>43</sup> PONTES, Paulo. Assembleia de Deus no Aribiri comemora 90 anos de história. *Seara News*, Vila Velha, 07 mai. 2015. [online].

<sup>44</sup> ALENCAR, 2019, p. 45.

<sup>45</sup> MARTINS, M. G. *Pentecoste e pentecostalismo: uma abordagem sociológica teológica*. São Paulo: Fonte, 2015. p. 5.

## Referências

- ALENCAR, Gedeon Freire. Matriz pentecostal brasileira, 1911-2011. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019.
- ARAÚJO, Isael. 100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- ARAÚJO, Isael. Dicionário do movimento pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BETTO, Frei. Mitos fundantes. *Revista Dom Total*, 03 nov. 2015. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/5497/03/11/mitos-fundantes/>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- CARNEIRO, Washington Phillip Spanhol, Pentecostais na política capixaba: representação parlamentar da Igreja Assembleia de Deus nas eleições (2002, 2006, 2010). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.
- CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CONDE, Emílio. História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. A história do tempo presente: reflexões sobre um campo historiográfico. *Cadernos do Tempo Presente*, v. 12, n. 01, São Cristóvão-SE, 2021, p. 13-27. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>. Acesso em: 14/04/2022.
- EMEF JOÃO PEDRO DA SILVA [blog]. História da Escola João Pedro da Silva. [s.d.]. Disponível em: <http://escolajoaopedrodasilva.blogspot.com/2014/03/historia-da-escola-joao-pedro-da-silva.html>. Acesso em 27 set. 2022.
- FOCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2003.
- GONZÁLEZ, Justo. Breve dicionário de teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.
- HIEBERT, Paul; SHAW, Daniel; TITE, Tíenou. Religião popular: uma resposta cristã às crenças populares. Belo Horizonte: Horizontes, 2009.
- JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, jun. 1935, p. 5. Disponível em: <https://mega.nz/folder/odNyQIqI#6WlOSrdHvznzowSgXnhGNQ/folder/pJkikbza>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- MARTINS, M. G. Pentecoste e pentecostalismo: uma abordagem sociológica teológica. São Paulo: Fonte, 2015.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. Dissertação (Mestrado em Teologia) - IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

PONTES, Paulo. Assembleia de Deus no Aribiri comemora 90 anos de história. Seara News, Vila Velha, 07 mai. 2015. Disponível em: <https://www.searanews.com.br/assembleia-de-deus-no-aribiri-comemora-90-anos-de-historia>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Teologia sistemática no horizonte pós-moderno: um novo olhar para a linguagem teológica. São Paulo: Vida, 2007.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROUSSO, Henry. A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SILVA, Cácio. Fenomenologia da religião: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

VINGREN, Ivar. Diário do pioneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.